

# A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NAS CIÊNCIAS HUMANAS 3

Solange Aparecida de Souza Monteiro  
(Organizadora)

 **Atena**  
Editora

Ano 2019



Solange Aparecida de Souza Monteiro  
(Organizadora)

# A Produção do Conhecimento nas Ciências Humanas 3

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação e Edição de Arte:** Natália Sandrini e Lorena Prestes

**Revisão:** Os autores

### **Conselho Editorial**

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

P964 A produção do conhecimento nas ciências humanas 3 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A Produção do Conhecimento nas Ciências Humanas; v. 3)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-277-7

DOI 10.22533/at.ed.777192404

1. Antropologia. 2. Ciências humanas – Pesquisa – Brasil.  
3. Pesquisa social. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.

CDD 301

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Chega mais perto e contempla as palavras.

Cada uma

Tem mil faces secretas sobre a face neutra

E te pergunta, sem interesse pela resposta,

Pobre ou terrível, que lhe deres:

Trouxeste a chave?

Carlos Drummond de Andrade

O livro faz parte da publicação em três volumes na qual reúne trabalhos e pesquisas realizadas por acadêmicos de universidades de diversas regiões do Brasil. O rigor metodológico e científico presentes na elaboração do livro revela a seriedade e a profundidade com que os temas foram tratados. Por isso, trata-se de uma leitura necessária e obrigatória para quem pretende fazer ciência no Brasil.

Meu primeiro desafio é em relação à escolha do discurso que irei adotar para tratar sobre o tema deste livro, já que a comunicação não pode ficar dúbia, tampouco simplória ou demasiadamente complexa, independentemente de quem venha a ser o interlocutor, seja filósofo, educador, mestre ou aluno.

Neste processo que aqui início, permito-me devanear sobre a provocativa questão: afinal, qual a importância dos conhecimentos produzidos por nós na área das ciências humanas?

Contudo, como reconheceu Foucault, o começo de qualquer discurso é angustiante. Ele, que tratou o tema com seriedade e rigor, confessou o peso do início do discurso em sua aula inaugural no Collège de France, e em sua fragilidade humana, confessou: “Ao invés de tomar a palavra, gostaria de ser envolvido por ela e levado bem além de todo o começo possível” (p. 5).

Escrever é como falar: uma captação de palavras, a busca, com a obstinação de um arqueólogo, pelas mais apropriadas para dar forma ao pensamento. Percebo que a língua é uma matéria-prima indócil. Em primeiro lugar, porque quem escreve luta com palavras, como escreveu Drummond (*O lutador*). Em segundo, porque força o autor ao confronto com a própria solidão, o embate com lacunas de algo que poderia estar ali e que, por isso mesmo, pode levar à confusão.

Isso me faz refletir sobre a produção de conhecimento. Quase sempre nos referimos à construção de saberes sob a forma escrita. Nos meios acadêmicos, essa é, ao mesmo tempo, uma exigência das agências de fomento e uma forma de controle institucional de produção. Somos impelidos a escrever, e por consequência, cada vez mais nos mantemos em solidão. E assim corremos o risco de nos afastarmos do mundo e dos papéis que, nas ruas, nas esquinas e em nossas casas e classes, tornam a vida um movimento coletivo de fazer, desfazer e compreender o cotidiano. Meio da cultura viva, que pulsa, lateja, vibra e produz conhecimentos.

Alguns podem apontar que a fala de alguém não escolarizado compartilha e participa de uma produção carente, grosseira, desdenhativa, de senso comum. Outros rebateriam, considerando que todo saber produzido coletivamente, nos esforços diários das pessoas para entender a vida, é uma configuração legítima e qualificada de conhecimento. Todavia, alguém poderia se acelerar em responder: “Mas o que o povo produz são compreensões leigas, e estamos aqui falando de sistemas de verdades produzidos pelas ciências humanas, não nas ruas, mas em centros de pesquisas e universidades”. Nesse “esclarecimento”, torna-se explícita a notória divisão entre saber acadêmico e saber popular.

O risco do banimento das experiências de vida dos personagens que pretendemos pesquisar se evidencia diante das fronteiras geográficas e fixas que criamos para constituir aqueles mesmos centros e universidades. O medo e a ameaça de sofrermos agressões desse mundo que nos parece exterior nos fazem idealizar, planejar e criar novas estratégias de confinamento espacial, e assim colocamos cercas em todo o espaço que acolhe as construções em que trabalhamos.

Um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois.

Walter Benjamin

Parece que estamos sempre no limite com nossa produção escrita e com a tarefa de calcular cada novo texto concluído, nas diversas formas de registro, para recomeçarmos o mesmo ciclo logo em seguida. Estamos absorvidos por uma rede de protocolos que consome tempo e nos rouba a vida. Se isto por si só não fosse suficiente, acabamos nos tornando “pessoas-produtos” por conta da constante avaliação em relação ao que produzimos. O próprio jogo institucional nos classifica como pesquisadores melhores ou piores, medianos ou brilhantes, e nos distribui em níveis hierárquicos sob siglas bem definidas pelas agências de fomento. Passamos a nos enxergar sob a discriminação que tais classificações acabam por nos conceber. Separamo-nos, assim, vaidosamente uns dos outros, como se estivéssemos ofuscados por um enclausuramento defensivo.

Ainda que o racismo seja uma planta daninha, nociva e abjeta, cuja existência incriminamos, repudiamos e analisamos sua natureza em nossos textos bem-comportados e politicamente corretos, acabamos por reproduzi-lo em nossas vidas. Emancipamos dele em nossas vidas escritas, codificadas em livros e artigos que ficam disponibilizados nas universidades e nos meios digitais. Tentamos nos manter intactos em nossa consciência, justificando que, afinal, critérios objetivos nos dividem, mas esquecemos que eles, os critérios, atendem a interesses políticos e ideológicos que amparam, neste período histórico, isso a que chamamos de *estado democrático de direito*.

Difícil pensar em uma escola *para os outros e para todos*, ou seja, uma escola

inclusiva, oposta àquela em que nos isolamos em circunscritos grupos de relações, tornando-os abalizados, e muitas vezes, intransmissíveis entre si.

Uma questão que me desanima é a seguinte: afinal, o que estamos fazendo com o cuidado de si a partir do conhecimento que produzimos para outras pessoas? Ou, como nos provoca Foucault (1998), “De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece?” (p.13).

O retorno transformador do conhecimento para aquele que o detém deve ser uma prática de bastidores e individual, ou seja, deve estar separado do processo de produção do conhecimento enquanto tal, conforme pondera Foucault:

Mas o que é filosofar hoje em dia – quero dizer, a atividade filosófica – senão o trabalho crítico do pensamento sobre o próprio pensamento? [...] O “ensaio” [...] é o corpo vivo da filosofia, se, pelo menos, ela for ainda hoje o que era outrora, ou seja, uma “ascese”, um exercício de si, no pensamento (FOUCAULT, 1998, p. 13).

Foucault nos convida a filosofar como um exercício de (re)escrita de si, por meio de

práticas reflexivas e voluntárias através das quais os homens não somente se fixam formas de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo (FOUCAULT, 1998).

A importância das ciências humanas para a produção de conhecimento, no entanto, não se resume somente à área da educação, mas abrange a nós como um todo, já que habitamos os espaços nos quais, institucionalmente, conferimos materialidade às faculdades de educação. Todavia, coloquei-me como membro desta e escrevo como parte dela. Portanto, faço parte do jogo que pretendi desnudar.

E ainda perseguindo a ideia de que nossa produção por vezes se torna uma compulsão, que não nos permite ter tempo para nos deleitarmos com o que produzimos, tento pensar como sair efetivamente desse impasse.

Em certas circunstâncias, creio que nos iludimos ao pensar que, quanto mais aprendemos, mais teoricamente afinados ficamos e mais temos a ensinar às novas gerações. Segunda armadilha: se já sabemos o que ensinar, qual o espaço de criatividade que damos ao aluno? Temos alguma garantia sobre o que de fato ensinamos?

A ideia não é nova, basta lembrar Paulo Freire. Todavia, é um desejo semelhante ao movimento do amante em direção ao preenchimento de uma falta não passível de objetivação pelo amado.

Portanto, a aprendizagem é algo que escapa, que não se pode controlar de fora, mas que pode ser praticada no jogo amoroso de buscas recíprocas de atendimento de desejos, também recíprocos, do professor e do aluno, em necessária parceria afetiva.

Arrisco concluir que aquilo que produzimos pode, apenas em parte, atender ao aluno. E que talvez não seja possível estabelecer como e de que maneira o atende.

O que sabemos é o ponto de partida da nossa oferta, e não a satisfação da demanda daquele que busca conhecimento.

Com isso, o saber e a ciência adquirem um papel ainda mais relevante do que tinham tempos atrás. As concepções de produção do conhecimento sofrem alterações de época em época, pois cada momento histórico tem seus próprios modelos e suas maneiras particulares de ver, agir e sentir, acompanhados de um novo conceito de produção do conhecimento e, conseqüentemente, do que é válido e reconhecido. O conhecimento está sempre associado à situação transitória de evolução em que se encontram as sociedades em variadas épocas, determinando e sendo determinado pela situação.

Para esse trabalho de reflexão sobre a produção de conhecimento na sociedade da informação, inicialmente abordaremos o processo de construção de conhecimento, o conhecimento científico e a pesquisa em ciências humanas, mais especificamente em educação, contextualizando, em seguida, com a sociedade da informação e as novas discussões emergentes sobre o conhecimento científico.

Com a perspectiva de Walter Benjamin, de que “o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois”, fizemos essa pequena inserção empírica para acrescentar outras vozes na interlocução que viemos fazendo. Conscientes dos limites e desafios que precisamos assumir para aprofundamento deste tema, ficou para nós que: “escrever é isso aí: interlocução”.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1 .....</b>	<b>1</b>
POLIFARMÁCIA NO IDOSO: O PAPEL DA ENFERMAGEM NA PREVENÇÃO DAS IATROGENIAS	
Cláudia Fabiane Gomes Gonçalves Samara Maria de Jesus Veras Maria Aparecida de Souza Silva Rebeca Cavalcanti Leal Cynthia Roberta Dias Torres Silva Ana Karine Laranjeira de Sá Valdirene Pereira da Silva Carvalho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7771924041</b>	
<b>CAPÍTULO 2 .....</b>	<b>8</b>
PRAZER E SOFRIMENTO DOCENTE NA DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA: UMA REVISÃO TEÓRICA NA PERSPECTIVA DA PSICODINÂMICA DO TRABALHO	
Chancarlyne Vivian Letícia de Lima Trindade	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7771924042</b>	
<b>CAPÍTULO 3 .....</b>	<b>19</b>
RELAÇÃO ENTRE A ESCOLARIDADE E A COGNIÇÃO EM PESSOAS IDOSAS DO DEPARTAMENTO DO IDOSO DA FUNDAÇÃO PROAMOR DE PONTA GROSSA-PR, BRASIL	
Fabio Ricardo Hilgenberg Gomes Gislaine Cristina Vagetti Aline Bichels Luana Suemi Fujita Cinthia Fernanda da Fonseca Silva Valdomiro de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7771924043</b>	
<b>CAPÍTULO 4 .....</b>	<b>32</b>
RELATO COM A PRÁTICA DE ENSINO ATRAVÉS DO ESTAGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL II	
Edison Vieira Gonçalves Junior Diego Paschoal de Senna	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7771924044</b>	
<b>CAPÍTULO 5 .....</b>	<b>41</b>
RESILIÊNCIA DE PESSOAS IDOSAS: PERCURSOS	
Sheila Marta Carregosa Rocha	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7771924045</b>	
<b>CAPÍTULO 6 .....</b>	<b>51</b>
SOBRE O SUICÍDIO: AS CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS DE KARL MARX	
Érika de Freitas Arvelos, Tayná Bonfim Mazzei Mazza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7771924046</b>	



<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>65</b>
TAMBORIL: LEVANTAMENTO ARQUEOLÓGICO, PARÂMETROS AMBIENTAIS E PRIMEIROS DADOS ARQUEOMÉTRICOS	
<a href="#">Sônia Maria Campelo Magalhães</a> <a href="#">Ennyo Lurrik Sousa da Silva</a> <a href="#">Heralda Kelis Sousa Bezerra da Silva</a> <a href="#">Luis Carlos Duarte Cavalcante</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7771924047</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>81</b>
TRABALHO E DEVOÇÃO: A RECONSTRUÇÃO DA CAPELA DE SÃO JOÃO MARIA EM COCHINHOS, IRATI-PR, DÉCADA DE 1960	
<a href="#">Victor Huggo Lopes do Amaral</a> <a href="#">Valter Martins</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7771924048</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>95</b>
TRABALHO E ESCOLA: RELAÇÕES QUE PERMEIAM A ESCOLARIZAÇÃO DO ALUNO DO ENSINO MÉDIO NOTURNO	
<a href="#">Andreia Tavares</a> <a href="#">Angela Maria Corso</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7771924049</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>109</b>
TRABALHO, APOSENTADORIA E LAZER COMO HABITUS SEGUNDO IDOSOS QUE FREQUENTAM A ASSOCIAÇÃO BANESTADO EM PONTAL DO PARANÁ-PR	
<a href="#">Carla Roseane de Sales Camargo</a> <a href="#">Rita de Cássia da Silva Oliveira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77719240410</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>120</b>
TRANSPORTE COLETIVO: LUGAR DE DESEJOS E CONTRADIÇÕES NA CAPITAL PIAUIENSE (DÉCADA DE 1970)	
<a href="#">Cláudia Cristina Da Silva Fontineles</a> <a href="#">Allan Ricelli Rodrigues De Pinho</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77719240411</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>134</b>
UM DEBATE AINDA NECESSÁRIO: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A FORMAÇÃO E AÇÃO DOS PROFESSORES DE UM COLÉGIO DA REDE ESTADUAL DE PELOTAS-RS NA DISCUSSÃO SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR	
<a href="#">Letícia Campagnolo Cavalheiro</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77719240412</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>139</b>
UMA ANÁLISE DO OLHAR DOS ALUNOS ACERCA DO USO DE DOCUMENTÁRIOS DO CANAL HISTORY CHANNEL EM AULAS DE HISTÓRIA	
<a href="#">Maria Paula Costa</a> <a href="#">Tainá Raue dos Santos</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77719240413</b>	

<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>143</b>
UNIVERSIDADE E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO: NOTAS SOBRE UMA INVESTIGAÇÃO COM JOVENS ESTUDANTES SECUNDARISTAS DAS PERIFERIAS DE GOIÂNIA, LISBOA E MADRID	
Rosane Castilho	
DOI 10.22533/at.ed.77719240414	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>154</b>
VERDADE, VEROSSIMILHANÇA E PROGRESSO CIENTÍFICO EM POPPER	
Sebastião Maia de Andrade	
Aristides Moreira Filho	
DOI 10.22533/at.ed.77719240415	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>163</b>
VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES. MALLETT/PR, PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX	
Valdinéia Strugala	
Valter Martins	
DOI 10.22533/at.ed.77719240416	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>174</b>
A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO DA EDUCAÇÃO SEXUAL E INCLUSÃO ESCOLAR NA UNIVERSIDADE	
Solange Aparecida de Souza Monteiro	
Paulo Rennes Marçal Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.77719240417	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>185</b>
FILOSOFIA AFRICANA E A LEI 10.639/2003	
Danilo Rodrigues do Nascimento	
Flávia Rodrigues Lima da Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.77719240418	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>194</b>
INFLUÊNCIA DA IDADE NA MEMÓRIA E COGNIÇÃO DE IDOSOS FREQUENTADORES DE UM PROGRAMA DE EXERCÍCIO FÍSICO SUPERVISIONADO	
Bianca Yumie Eto	
Giovana Gomes dos Santos	
Maria Carolina Rodrigues Salini	
Regina Celi Trindade Camargo	
Claudia Regina Sgobbi de Faria	
Franciele Marques Vanderlei	
Laís Manata Vanzella	
DOI 10.22533/at.ed.77719240419	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>205</b>
NORMALIDADE E DIFERENÇA: VIVÊNCIAS DE ESTUDANTES DE UMA ESCOLA PÚBLICA	
Akeslayne Maria de Camargo	
Iris Clemente de Oliveira Bellato	
Louise Gomes de Pinho	
Emília Carvalho Leitão Biato	
Barbara E. B. Cabral	
DOI 10.22533/at.ed.77719240420	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>219</b>

## TRABALHO E DEVOÇÃO: A RECONSTRUÇÃO DA CAPELA DE SÃO JOÃO MARIA EM COCHINHOS, IRATI-PR, DÉCADA DE 1960

**Victor Huggo Lopes do Amaral**

Universidade Estadual do Centro-Oeste/  
UNICENTRO - DEHIS, Irati-PR

**Valter Martins**

Universidade Estadual do Centro-Oeste/  
UNICENTRO - DEHIS, Irati-PR

**RESUMO:** O presente trabalho tem como objetivo relatar a reconstrução de uma capela edificada para o monge João Maria, no município de Irati/PR na década de 1960. A reconstrução da capela foi realizada por devotos do santo. Por meio de fontes como fotografias, entrevistas e documentos originais, relatamos quais foram os motivos que levaram à reconstrução, bem como as pessoas que contribuíram para tal reforma e seu significado na comunidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Monge João Maria; religiosidade popular; Irati/PR

**ABSTRACT:** The present assignment has the aim to show the rebuilding of a chapel, built to the monk João Maria, in Irati/PR country in the 1960's. The rebuilding was done by the saint's devotees. Researching photos and documents, interviewing people we realized the reasons for the rebuilding and its meaning to the community.

**KEYWORDS:** Monk João Maria; religiosity; Irati/PR

### 1 | INTRODUÇÃO

Muitas tradições religiosas estão desaparecendo ou se transformando e uma possível explicação seria a necessidade de mudança, de viver as transformações ocorridas na sociedade. Como reflexo disso algumas tradições e práticas religiosas aos poucos são deixadas de lado para dar lugar a novas práticas ou outras formas de identidade religiosa. Uma tradição religiosa muito forte e antiga ainda presente no sul do Brasil é a devoção ao monge São João Maria.

No estado do Paraná essa devoção ainda é preservada, especialmente nas áreas de faxinais e, até mesmo quando faxinalenses se mudam para a cidade, levam consigo sua fé em São João Maria. Para Benatte et al. (2011) vemos que é justamente nesses locais que são realizadas festas para o monge, contando sempre com grande participação da população local.

Sobre essa devoção, vemos que as práticas:

ilustram bem as funções religiosas exercidas na região dos faxinais. Essas funções são ainda mais evidentes no âmbito do ofício das rezas, pois que o próprio monge-santo ensinava a organizar celebrações, tornando-se, com o tempo alvo ele próprio das comemorações no

Segundo Telmo Marcon “as marcas desses ensinamentos, ainda muito presentes em várias regiões do sul do Brasil, materializam-se em rituais de batismo, nos benzimentos e curas, nas fontes sagradas, nas orações, na edificação de capelas ao monge” (ESPIG e MACHADO, 2008, p.139).

Essa devoção ao monge João Maria surge no início no século XX, durante a Guerra do Contestado na qual o monge teve papel fundamental como líder religioso e como mensageiro de esperança para os camponeses. Uma forma de reconhecimento e homenagem adotada pelos devotos ao monge foi a construção de templos sagrados ou pequenas capelas onde os mesmos praticavam suas tradições religiosas. Com isso, as práticas da religiosidade popular eram e ainda são recriadas a fim de não deixar que essa tradição se perca com tempo.

Uma dessas capelas alusivas a São João Maria foi edificada ao lado de um olho d'água na comunidade do Nhapindazal, atualmente Cochinchos no município de Irati, Paraná. A construção ocorreu perto de um olho d'água por ser um elemento importante para os devotos de João Maria. A água dos “olhos d'água de São João Maria”, é considerada milagrosa, assim como o barro de seu entorno. Como a água, o barro é utilizado em usado em rituais, especialmente em busca de curas.

Os moradores locais contam que a capela é antiga, sem, no entanto, precisarem a data de sua construção. Informam que durante a década de 1960 os devotos deste santo popular se organizaram e arrecadaram fundos para reconstruí-la, pois se encontrava em ruínas. Com o dinheiro compraram o material e a reconstrução da capela ocorreu na forma de mutirão, com os próprios devotos trabalhando na obra.

A partir dessa evidência material na região de Irati sobre uma prática religiosa tradicional que se relaciona à história do Paraná e às tradições religiosas brasileiras buscamos, por meio da memória dos devotos, compreender de que forma ocorreu a reconstrução da capela, quem foram os envolvidos no projeto e quais os significados dessa reconstrução.

## **2 | O MONGE E SUA TRADIÇÃO**

Antes de iniciarmos o relato do processo de reconstrução da capela de João Maria, objeto da nossa pesquisa, precisamos abordar sobre o surgimento da figura do monge e também o que levou as pessoas a incorporar a tradição de João Maria como parte de sua religiosidade.

A origem de João Maria, assim como sua tradição estão ligadas ao conflito conhecido como Guerra do Contestado. Esse conflito ocorreu no sul do Brasil na área reivindicada por Paraná e Santa Catarina entre os anos de 1912 e 1916. Ganhou esse nome de Contestado justamente por causa dessa disputa territorial entre os governos, tanto estadual quanto federal, com os sertanejos que ocupavam terras públicas. Milton

Cleber Pereira Amador afirma:

Os caboclos, população que habitava a região se revoltou contra os governos estaduais, que promoviam a concentração da terra em benefício dos grandes fazendeiros. Também a revolta ocorreu contra o governo federal, que concedeu uma extensa área de terra à empresa norte-americana – Brazil Railway Company - responsável pela construção do trecho da Estrada de Ferro São Paulo - Rio Grande, que ligava o sul com o sudeste do Brasil. (AMADOR, 2010, p. 499)

A construção da ferrovia fez com que os ocupantes dessas terras fossem expulsos de onde viviam e praticavam uma agricultura de subsistência. Abaixo, um mapa da região onde ocorreu a Guerra do Contestado.



Figura 1: Área onde ocorreu a Guerra do Contestado

Nesse contexto de conflitos, crises e pobreza surge a figura do monge João Maria como líder religioso. A historiografia registra a existência de 3 monges com nomes parecidos que percorreram o sul do Brasil.

O primeiro monge que se tem notícia é João Maria D'Agostini que viveu no século XIX e percorreu não somente a região sul do Brasil, mas também Rio de Janeiro e São Paulo, além de Argentina e Paraguai.

Nesse ambiente em que a lei e a justiça pareciam desconhecidas, o monge aparece e organiza a população. [...] Por intermédio da vida religiosa, estabeleceu-se espontaneamente um sistema de ajuda mútua entre os frequentadores do culto, e isto, aparentemente, resolvia as questões imediatas de sobrevivência. (ESPIG e MACHADO, 2008, p.123)

Assim como o primeiro monge, o segundo, João Maria também ajudava a população, seja defendendo os pobres ou formando comunidades. Porém, diferente do primeiro, esse monge João Maria fazia discursos mais políticos, baseados no

Apocalipse de São João sobre a Guerra do Contestado, isso porque acompanhou de perto o conflito e as disputas travadas pelas terras. Segundo Ivone Cecília D'Ávila Gallo, (2008, p. 124) “apesar de crítico, procurava não se envolver diretamente em conflitos abertos entre as classes e, para esquivar-se de companhia, refugiava-se nas matas da região, reaparecendo de tempos em tempos”.

Seguindo a linha do segundo monge João Maria, com críticas sobre o conflito, o terceiro monge de nome José Maria, também realizava questionamentos sobre tal evento. Esse falava de forma mais simples, porém mais direta sobre o assunto, para que assim todos compreendessem as mensagens por ele proferidas e com isso acabou tornando-se o monge com mais relação com as tradições populares. Ainda sobre José Maria, “Cavalcanti (1995, p. 125) chega a afirmar que “foi ele que despertou o misticismo latente na alma dos sertanejos, fanatizando-os, congregando-os em redutos...” (ESPIG e MACHADO, 2008, p.144)



Figura 2: Imagem mais conhecida de João Maria

Vemos que as práticas adotadas pelos monges têm aspectos diretamente ligados ao catolicismo popular, como por exemplo, as festas religiosas e a ajuda aos necessitados. Outro fator comum aos monges é que não possuíam conexões com instituições religiosas. Interpretavam e questionavam aspectos do catolicismo oficial. Por meio de ações solidárias, sempre com o objetivo de contribuir com a população, os monges foram aceitos pelos caboclos. Um ponto fundamental que ajudou nesse reconhecimento foi a tradição oral, já que os monges valorizavam muito esse elemento, além do que, a tradição oral era marcante na vida dos diversos grupos que viviam naquele mundo rural - caboclos, faxinalenses e posseiros.

Os devotos de João Maria começaram a erguer locais sagrados, especialmente

pequenas capelas como forma de agradecimento e também para a realização de pedidos e orações. Esses locais também serviam de memoriais para transmitir as práticas religiosas adotadas pelos devotos de João Maria, com o intuito de manter a devoção ao monge.

### 3 | AS FONTES DOCUMENTAIS E A RECONSTRUÇÃO DA CAPELA

Um dos principais temas da metodologia histórica é a análise dos documentos. Outra etapa é a observação na qual devemos ter cuidado com os documentos, pois alguns podem conter erros ou até mesmo não ser verdadeiros. Pensando nisso analisamos um documento produzido por aqueles que ajudaram na reconstrução da capela de São João Maria em Irati, na década de 1960. A pesquisa evidenciou como ocorreu o processo de reconstrução da capela. Essa fonte foi uma lista, que circulou dentro e fora da comunidade. Nessa lista foram registrados os nomes dos devotos de João Maria que fizeram doações para ajudar nas despesas da obra. Junto aos nomes era anotada a respectiva quantia doada. Outra fonte utilizada foi a fotografia. Por meio delas visualizamos as pessoas envolvidas diretamente nesse “trabalho” de devoção. E também utilizamos a metodologia da história oral.

Com relação à fotografia como fonte histórica, Ana Maria Mauad (1996, p. 10), afirma que “a imagem fotográfica permite a presentificação do passado como uma mensagem que se processa através do tempo”. Porém, assim como em outras fontes históricas, análises são necessárias, pois sem tal processo, a fotografia não passa de uma simples ilustração do momento retratado.

Durante a pesquisa surgiu uma dúvida. Afinal, se a historiografia relata a existência de 3 monges, a qual deles os devotos que reconstruíram a capela em Irati se referiam?

Um manuscrito sem data e autoria, encontrado na casa de uma devota de João Maria e cedido por ela, informa que:

Monge João Maria de Agostinho um dos muitos santos milagreiros que perambularam pelos sertões passou por Irati no fim do século passado ou início do XX e ficou conhecido em Irati como Profeta João Maria. Algumas de suas afirmações: Vai crescer na direção sul referindo-se a cidade, carro andara sem cavalo, homem ouvira o outro lado do mundo e vai voar. Num dia tudo isso será comum. Haverá muito rastro e pouco pasto. Peste na criação, desconto no mantimento, doença no povo. Tudo que vier vira demais. O homem não saberá quando é inverno ou verão, contam os antigos que João Maria comia couve e verduras, dormia em baixo das árvores e ao seu redor nunca chovia. (MARIA JOSÉ, Irati, [s. d.] )

Esse relato em papel amarelado, guardado por décadas, evidencia que o monge ligado à devoção e à capela em Irati foi o primeiro monge, ou seja, João Maria D’Agostini. Uma capela construída em madeira que após certo tempo precisou ser reformada. Ocorre que o primeiro monge, D’Agostini ou de Agostinho, não foi mais visto a partir de 1870, segundo Machado, (2004, p. 166). Portanto, não poderia ter passado por Irati. No mundo de tempos simbólicos que é o religioso e o da fé, tempo

e espaço se confundem e se invertem. Nessa perspectiva, pouco importa realmente qual monge teria passado por Irati. E até mesmo se tenha passado, ou não. A devoção no “monge” é que importava.

Para relatarmos a reconstrução, primeiramente devemos entender um pouco mais sobre a história da capela. A capela foi construída em meados do século XX, porém aqui não podemos precisar exatamente o ano, pois não foram encontradas evidências e fontes a respeito da construção. Possivelmente, a construção da capela foi idealizada por antigos devotos do monge. Como esse local era muito frequentado por tais devotos pela presença do olho d’água, pensaram na importância de ter uma capela, na qual as pessoas pudessem fazer suas orações e pedidos ao monge.

A partir daqui, veremos como se deu esse processo de reconstrução da capela, assim como responder questões referentes ao nosso objeto de pesquisa, ou seja, a capela.

Afinal, por que foi necessária a reconstrução? Quem eram as pessoas envolvidas nessa tarefa? A capela é utilizada nos dias atuais?

Para respondermos essas questões, iniciamos com as análises feitas sobre as fontes obtidas com a devota Maria José Amaral: a lista dos contribuintes do material, as fotografias e as entrevistas. Pelas fotografias cedidas conseguimos identificar os devotos que foram os principais idealizadores e realizadores da reconstrução da capela.



Figura 3. Idealizadores do processo de reconstrução, Irati-PR, década de 1960

Podemos notar que foram sete as principais pessoas envolvidas no processo de reconstrução. Começando com os quatro ao fundo, da esquerda para a direita temos: Florisvaldo Lopes do Amaral, Janisvaldo Lopes do Amaral, Adão Macedo e Osvaldo Lopes do Amaral. Os três em primeiro plano, da esquerda para a direita são: Jorge Amaral, Lourivaldo Lopes do Amaral e Antônio Lopes do Amaral. A reconstrução foi



idealizada e executada por membros de apenas uma família de devotos. A família Amaral.

Como se trata de uma fotografia antiga, feita na década de 1960, tendo a maioria das pessoas já certa idade, lamentavelmente todos são falecidos, até mesmo o menino Jorge. Porém, em conversas com familiares das pessoas presentes na imagem, conseguimos valiosas informações sobre a reconstrução.

A filha do senhor Florisvaldo, Maria José, relata:

todos na foto eram devotos de João Maria, e como eles viram que a capela estava velha, revolveram fazer uma reforma nela eles mesmos.

Tanto o olho d'água quanto a capela eram muito visitados. Com a deterioração da capela, construída em madeira, os devotos viram a necessidade de fazer uma reforma para que seus frequentadores pudessem rezar, agradecer e fazer seus pedidos ao monge com algum conforto, por mais que a capela fosse bem simples.

A lista com os nomes das pessoas que contribuíram para a compra do material para a reforma estava guardada na casa de Maria José. Ela ficou encarregada dos pertences do pai, senhor Florisvaldo, após sua morte. Perguntada sobre a lista, o motivo de ter sido criada e como conseguiram tantas contribuições, Maria José diz:

como eles eram devotos de João Maria e viram que a capela não iria aquecer muito tempo, resolveram fazer uma reconstrução. Só que eles não tinham dinheiro para conseguir fazer a reforma, e como eles conheciam bastante gente na cidade, tiveram a ideia que criar essa lista para conseguir dinheiro para a reconstrução, como se fosse uma "vaquinha" e foram pedindo a ajuda das pessoas. Praticamente passou pela cidade inteira, conseguiram bastante gente como dá para ver, mas a reforma foi somente eles que fizeram.

Analisando a lista, identificamos pontos relevantes. A lista está dividida em duas partes. Uma se refere à reconstrução da capela, enquanto a outra se relaciona à construção de uma cerca em volta da capela. Com relação à pequena lista da cerca, vemos que não foram tantas as doações, tendo em vista que constam apenas 13 assinaturas. Quanto aos nomes na lista da reconstrução da capela, observamos que essa é extensa, possuindo 194 nomes com doações de diferentes valores.

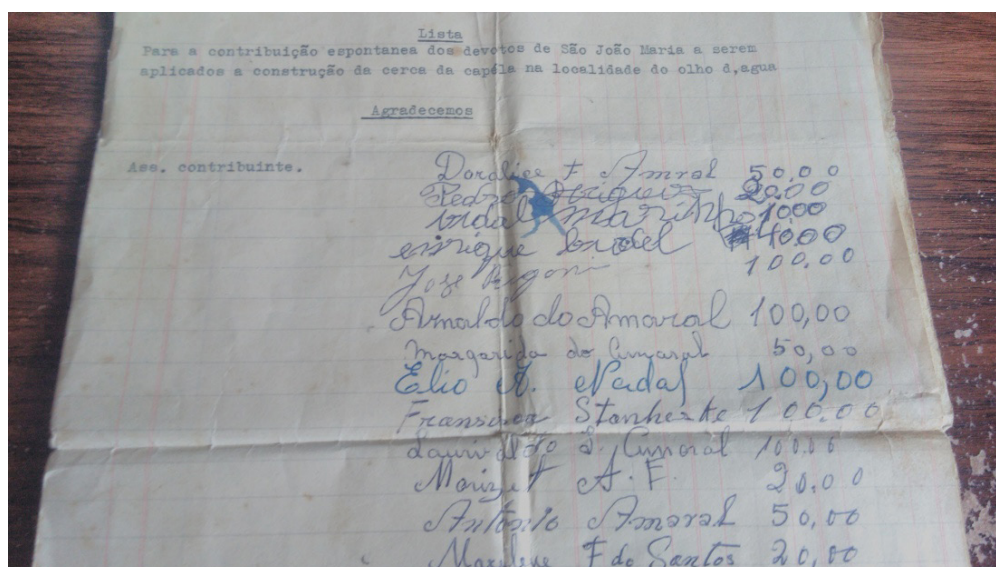


Figura 4: Lista com os nomes e valores doados para a cerca da capela.

Assinatura de "CONTRIBUINTE"	Importância
Pianista Jefe	100,00 P g
Suzana Bapa	20,00 P g
Guni Luzizom	20,00 P g
Sulci Carlos Franca	50,00 P g
Oraci Emi Cipi	20,00 P g
Arans Cordeiro	20,00 P g
Luiza Ferraz	50,00 P g
Stanimir Halzabur	20,00 P g
Onofre Bonif	20,00 P g
Francis Ramos	20,00 P g
Gregorio Alves da Silva pg.	340,00
Serafim da Silva	450,00 P g
Nelson de Souza pg.	245,00
	500,00

MEMORIAL LISTA Nº 2  
 PARA CONTRIBUIÇÃO ESPONTANEA DOS DEVOTOS DE S/ JOÃO MARIA, A SEREM APLICADOS  
 NA RECONSTRUÇÃO DA CAPELA, NA LOCALIDADE DE NHAFINDAZAL.

AGRADECIMOS

OS CONTRIBUINTESES SERAM INFORMADOS O DIA DE SUA CONCLUSÃO;

ASS: DOS CONTRIBUINTESES:

João Batista	2,000
João Cópia da Souza	2,000
João Tuzim da Rosa	2,000
Darci Ribeiro	2,000
Pedro Ferreira	1,000
Stanimir Fante	1,000
Maria Rosa do Amaral	2,000
Francisca Stanyski	2,000
Antonio Amaral	2,000
Queno Amaral	2,000
Yahir Tarpellon	20,000
Moselina Barbosa	10,000

Figura 5: Fotografias da lista com os nomes dos devotos e valores referentes a reconstrução da capela.

Abaixo uma tabela com dados extraídos das listas de doações.

<b>CONSTRUÇÃO DA CERCA DA CAPELA</b>	TOTAL DE CONTRIBUINTESES	13
	TOTAL ARRECADADO	Cr\$: 720,00
<b>RECONSTRUÇÃO DA CAPELA</b>	TOTAL DE CONTRIBUINTESES	194
	TOTAL ARRECADADO	Cr\$: 11.668,00

Figura 6: Total de contribuintes e valores referentes à obra.

Identificamos que as pessoas que contribuíram para a reforma eram de todas as classes sociais. Notamos isso analisando os valores doados por diferentes pessoas. Os valores variaram entre Cr\$ 5,00 a Cr\$ 500,00. Lembrando que a moeda utilizada

na década de 1960 era o Cruzeiro.

Como informado na figura 6, o total arrecadado para a construção da cerca e para a reconstrução da capela foi de Cr\$: 12.388,00.

Durante a pesquisa, percebemos o quão importante são os documentos para a realização de um projeto. A existência das listas forneceu informações cruciais, além de servir de inspiração para o tema de estudo.

Os documentos, cujas naturezas podem ser as mais diversas, têm a finalidade de ajudar a reconstruir o passado, porém, devem ser analisados de forma a elucidar dúvidas em relação a eles, ou seja, não fazer apenas uma análise superficial e sim trabalhar com o seu interior, estabelecer relações.

Além das análises realizadas na “lista de contribuição”, usamos as poucas fotografias encontradas. Por meio dos “descongelamentos” dessas imagens é que podemos descobrir diferentes aspectos sobre o tema, trazendo questões à tona. As informações obtidas nos ajudaram a entender, ao menos em parte, a sociedade da época, o acontecimento registrado, quem eram as pessoas envolvidas.

A fotografia é portadora de um discurso na medida em que se presta a traduzir um instante repleto de intencionalidades. Possui, portanto, finalidade documental, considerada meio de expressão, informação e mesmo de representações. (KOSSOY, 2008)

A respeito da utilização de fotografias como documento, Milton Guran expressa o seguinte:

Uma fotografia – na sua dimensão documental - não é o produto livre da imaginação de alguém, mas, pelo contrário, é sempre o resultado da ação da luz sobre o suporte sensível, ou seja, uma pegada da realidade. (GURAN, 2000, p. 158)

Portanto, vemos que a fotografia possibilita preservar momentos importantes, para não perdermos as referências do passado, ou seja, ela se torna a prova de certos acontecimentos. Para Mauad (1996, p.11) “a fotografia deve ser considerada como produto cultural, fruto de trabalho social de produção sócio-cultural”.

Ainda sobre a lista de contribuintes, tentamos encontrar algum devoto presente na mesma, para entrevistá-lo e buscarmos mais informações. Porém, não conseguimos encontrar nenhum. Um dos principais motivos foi o tempo. Assim como os que reformaram a capela, a maioria dos que assinaram a lista já possuíam mais de trinta anos de idade. Como a lista tem mais de 50 anos, esses devotos que a assinaram provavelmente são falecidos. Outros devotos que não conseguimos identificar por meio das entrevistas, continuaram desconhecidos.

Os valores arrecadados foram gastos na compra de materiais utilizados na obra, principalmente madeira e pregos. Com as entrevistas realizadas com os familiares das pessoas envolvidas na reconstrução, sabemos que a reconstrução da capela de São João Maria levou cerca de 2 semanas. Mesmo sendo uma capela pequena, a reconstrução levou esse tempo porque somente os sete idealizadores da obra realmente puseram as mãos no serrote e no martelo.

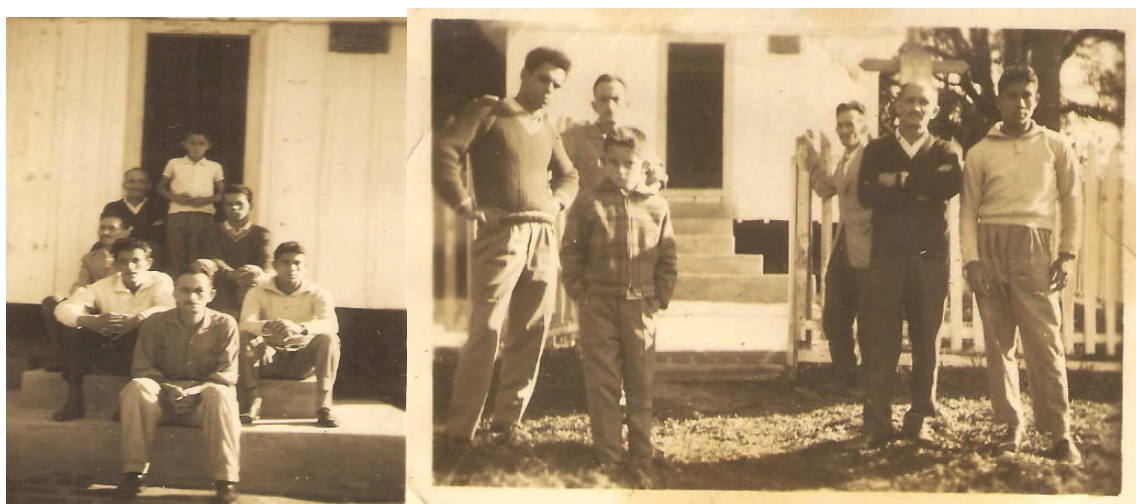


Figura 7: Responsáveis pela reconstrução. Ao fundo parte da capela reconstruída e da cerca.

Durante os anos após a reconstrução, vários devotos continuaram a frequentar a capela. Assim, vemos que essa tradição durou por muito tempo. Porém, ao final da década de 1990, o número de visitantes teve uma queda, talvez pelo fato das transformações que ocorreram no período. Como Moreira nos diz em seu trabalho, “a religião enfrenta hoje o desafio da adaptação diante de um número sem fim de mudanças. Tais mudanças são sintetizadas pelo fenômeno da globalização, o qual provoca a crise das representações e estimula a interculturalidade.” (MOREIRA, 2008, p.17-35)

Por outro lado, no lugar onde se localiza a capela havia uma olaria. Muita terra foi retirada do entorno da capela para fabricar tijolos e telhas. A capela foi preservada, mas passou a se situar num pequeno morro, dificultando o acesso das pessoas.

Atualmente, a capela ainda se encontra no local, mas em condições precárias. Em visita realizada em abril de 2015, notamos que ainda é utilizada pelos devotos de São João Maria que ali rezam e fazem seus pedidos ao santo popular. Percebemos também que, mesmo estando nessas condições, devotos ou vizinhos da capela ainda a preservam com pequenos consertos, o que fica evidente também na fala da devota Neusa, que participou da visita à capela.

Faz algum tempinho que não venho aqui, mas me lembro que da última vez que vim, as tábuas do chão da capela estavam quebradas, e agora já estão consertadas, então acho que alguém arrumou aqui.



Figura 8: Vista interna da capela.

Outro fato que observamos durante a visita foi a presença de muitos “santinhos” de candidatos a cargos políticos de Irati e região. Indício de que, até mesmo entre os candidatos, São João Maria tivesse alguns devotos. Ou talvez, esperassem que o santo popular pudesse fazer o milagre da multiplicação dos votos.

Um ponto importante, relacionado ao nosso objeto de pesquisa, porém mais voltado à capela, em si, é que há a possibilidade da mesma vir a ser um lugar de memória. Além de estar repleta com memórias de devotos de São João Maria, sua presença física contribuiu para que tal tradição de fé popular permanecesse até os dias atuais, para que assim a história não desapareça. Lembrando que lugares de memória são restos, ou seja, parte de alguma coisa de vem de uma consciência comemorativa da história. Vemos que é a memória que dita e que é a história que escreve. O que torna acontecimentos em livros de história, segundo Nora (1993, p. 24), “instrumentos, por excelência, da memória em história”.

Abaixo imagens de como se encontra a capela de João Maria atualmente.



Figura 9: Imagens da Capela João Maria.

As fotografias (figura 9) foram registradas em abril de 2015 durante visita ao local. Como podemos notar, suas condições são precárias, seja pelo telhado ou pelas madeiras desgastadas. No interior, mesmo não estando em boas condições, observamos que há certa manutenção, principalmente nos elementos religiosos como

imagens e flores. Com relação ao lado externo, a vegetação está invadindo o espaço da capela, assim como a retirada de terra que pode ocasionar seu desabamento.

O olho d'água está cerca de 100 metros da capela. Mesmo sendo um lugar de difícil acesso por conta da vegetação densa, é frequentado, assim como a capela, pois no local encontram-se várias imagens de santos, como também vestígios de velas queimadas, fruto dos rituais, pedidos e agradecimentos dos devotos de São João Maria.



Figura 10: Imagens do olho d'água.

#### 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Guerra do Contestado não seria a mesma sem as figuras dos monges, assim como as populações que tiveram contato e vivenciaram a fé nos mesmos. Isso porque o monge(s) exerceu tanto a função de mensageiro da paz, quanto de um protetor dos pobres e das tradições. Tradições essas importantes e presentes em diversas áreas na região sul do Brasil.

Mesmo com todas as transformações ocorridas ao longo das décadas, dentre as quais a própria religiosidade, que de forma geral, passou por desgastes e reelaborações, verificamos que a devoção ao monge João Maria persiste, mesmo que atualmente não seja tão forte quanto outrora. Entretanto, continua presente nas regiões onde a figura do monge é lembrada, incluindo Irati, no Paraná.

A reconstrução da capela evidencia a existência dessa devoção na cidade, por meio dos devotos que um dia tiveram a ideia de reformar um lugar sagrado para continuarem exercendo suas práticas religiosas. Por meio de seu trabalho, os devotos levaram a obra adiante, contando com a ajuda de um grupo representativo de pessoas. Grupo esse que contribuiu segundo suas possibilidades, uns mais, outros menos, mas que, afinal, não representavam nem ricos, nem pobres, mas devotos de São João Maria.

Com seus esforços e sua fé, conseguiram manter essa tradição ao longo do tempo, pois se a reconstrução da capela não tivesse ocorrido na década de 1960, possivelmente hoje não teríamos um lugar religioso voltado a São João Maria na região de Irati. Atualmente, mesmo em condições precárias, continua frequentada pelos devotos do monge. Em seus bancos singelos e paredes descascadas, ali vão

em busca das graças do santo.

Em *O sagrado e o profano*, Eliade (1992, p. 48) pondera sobre o tempo sagrado afirmando que ele é sempre o mesmo, uma sucessão de eternidades. Dessa maneira, os rituais se tornam um acontecimento sagrado - “o que nos importa, em primeiro lugar, é compreender o significado religioso da repetição dos gestos divinos”. O homem religioso deseja viver perto de seus deuses, ele tem a necessidade de reproduzir esses gestos.

Foi importante verificar que mesmo distante do tempo da Guerra do Contestado, existe uma capela de São João Maria em Irati/PR, e que pessoas a frequentam e cuidam da mesma, ainda que de forma simples. O resultado dessa fé e da repetição desses gestos é a permanência dessa tradição e prática religiosa.

Para concluir, vemos que a pesquisa sobre a reconstrução da capela é muito significativa para a memória e para a história de Irati, pois foram os moradores da própria cidade que realizaram tal obra e cuidaram para que a capela chegasse até os dias atuais, preservando, mesmo que de forma inconsciente, uma importante tradição religiosa popular.

PS - Em visita ao local da capela no final de novembro de 2016, constatamos que a mesma não mais existe. Restaram os degraus de acesso à entrada, construídos em alvenaria. Algumas tábuas permanecem espalhadas no local. Não sabemos quando, nem porquê, a capela foi demolida. O fato é que nenhuma autoridade municipal ou religiosa, algum dia deu atenção ou contribuiu para a manutenção da capela e pelo que ela representa.

## REFERÊNCIAS

AMADOR, Milton Cléber Pereira. Guerra do Contestado: marca o fim e o início de modelos de desenvolvimento na região Oeste catarinense. **Cadernos do Ceom**, n.31, 2010.

BENATTE, Antonio Paulo et al. Os santos nos faxinais: religiosidade e povos tradicionais, **Topoi**, v. 12, n. 23, jul.-dez. 2011, p. 140-160.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

GALLO, Ivone. C. D. Profetismo popular na Guerra do Contestado. In: ESPIG, Márcia Janete; MACHADO, Paulo Pinheiro (Orgs.) **A Guerra Santa revisitada: novos estudos sobre o movimento do Contestado**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008, p. 119-138.

GURAN, Milton. Fotografar para descobrir, fotografar para contar. **Cadernos de Antropologia e Imagem**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 155-165, 2000.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

MACHADO, Paulo Pinheiro. **Lideranças do Contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916)**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004.

MARCON, Telmo. Cultura e religiosidade: a influência dos monges do Contestado. In: ESPIG, Márcia Janete; MACHADO, Paulo Pinheiro (Orgs.) **A Guerra Santa revisitada**: novos estudos sobre o movimento do Contestado. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008, v. , p. 139-168.

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história - interfaces. **Revista Tempo**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 73-98, 1996.

MOREIRA, Alberto da Silva. O futuro da religião no mundo globalizado: painel de um debate. In: MOREIRA, Alberto da Silva; OLIVEIRA, Irene Dias (Orgs.) **O futuro da Religião na sociedade global**: uma perspectiva multicultural. São Paulo/Goiânia: Paulinas – UCG, 2008.

NORA, Pierre. Entre história e memória. A problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo: PUC, vol. 10, n. 10, dez/1993, p. 7-28.



## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO** Mestra em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo campus São Carlos (IFSP/ Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: -Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE). Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afrobrasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-racial.